

OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE UMA HISTÓRIA MUITO LONGA*

MARIA LUIZA MARQUES ABAURRE
(Doutora-Teoria Literária-IEL/UNICAMP)

... I think my sense of right and wrong, my feeling of noblesse oblige, and any thought I may have against the oppressor and for the oppressed, came from this secret book [Le Morte D'Arthur]. (...) If I could not choose my way at the cross-roads of love and loyalty, neither could Lancelot. I could understand the darkness of Mordred because he was in me too; and there was some Galahad in me, but perhaps not enough. The Grail feeling was there, however, deep-planted, and perhaps always will be.¹

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A importância das histórias sobre o Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda para a literatura ocidental é muito grande. Desde a constituição do *corpus* básico da *matéria de Bretanha*, ainda na Idade Média, até os dias de hoje, foram inúmeros os artistas (escritores, poetas, pintores, músicos) que se inspiraram no cenário e nas personagens arturianas para compor suas obras.

Neste texto vamos procurar reconstituir o percurso inicial de formação da *matéria*, identificando as primeiras referências literárias feitas a Arthur e a seus cavaleiros e procurando delinear os desdobramentos que, a partir da Idade Média, têm marcado a lenda arturiana.

É possível identificar dois grandes conjuntos de textos literários de caráter arturiano: um de tradição francesa, fortemente influenciado pelos textos de Chrétien de Troyes, e que desenvolve preferencialmente dois temas: *a busca do aperfeiçoamento espiritual*, representada literariamente pela demanda do Santo Graal, e *o amor cortês*, presente nos textos na história dos casais Lancelot-Guinevere e Tristão-Isolda; o segundo conjunto, de tradição inglesa, adota

* Este texto apresenta uma versão ligeiramente modificada dos capítulos iniciais de minha dissertação de mestrado: *A matéria de Bretanha no século XIX – Alfred Tennyson e Mark Twain na corte do rei Arthur*, defendida em maio de 1993.

¹ Seinbeck, John. *The Acts of King Arthur and his Noble Knights*. New York, Ballantine Books, 1989.

como referência básica, além dos textos dos cronistas medievais, como Geoffrey de Monmouth, a obra de Thomas Malory, *Le Morte D'Arthur*, escrita já no fim da Idade Média e que desenvolve, como tema central, as aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda.

Essa diferenciação temática não faz com que uns e outros textos sejam considerados mais ou menos arturianos, mas é significativa para o conjunto da *matéria*, porque os rumos de um texto sobre a demanda do Santo Graal serão sempre bastante diferentes dos de um outro texto voltado para o relato de aventuras dos cavaleiros, ainda que uma dessas aventuras seja a própria demanda.

Talvez, no centro dessa escolha temática, esteja definida uma intenção – que pode não estar clara nem mesmo para o autor do texto – de explorar o tema do aprimoramento espiritual, por meio da busca de um objeto sagrado, ou a necessidade de reafirmar a importância da construção de uma sociedade mais justa, representada alegoricamente pelos ideais dos nobres cavaleiros da Távola Redonda e “divulgada” em cada uma das aventuras de que participam. Feitas essas considerações iniciais, podemos passar ao levantamento das fontes arturianas para compreender como essa matéria se construiu.

2. UMA HISTÓRIA MUITO ANTIGA

A primeira menção literária feita ao rei Arthur de que se tem conhecimento ocorreu em um poema galês, *Gododdin*. Dos versos escritos por Aneirin no século VII até a obra produzida por Thomas Malory no século XV, as histórias do rei Arthur e dos cavaleiros da Távola Redonda, além de sobreviverem por mais de oito séculos, percorreram praticamente todo o continente europeu.

He glutted ravens on the rampart of the fort,
Though he was not Arthur.²

Os versos de Aneirin permitem que se infira muito pouca coisa a respeito de Arthur. Nota-se que ele ainda não é tratado como rei. Na verdade, tudo o que se pode concluir é a sua excelência como guerreiro dado que, ao exaltar a bravura do guerreiro galês, o autor preocupa-se em ressaltar que ele **não** era Arthur, mesmo sendo capaz de produzir cadáveres bastantes para faltar os corvos. Rei ou não, Arthur já aparece como personagem que supera os limites humanos: nem o mais valoroso dos guerreiros consegue igualá-lo.

² Apud Loomis, Roger Sherman. *Celtic Myth and Arthurian Romance*. New York: Columbia University Press, 1962. p. 3.

O texto que os estudiosos da Matéria de Bretanha consideram como o iniciador da legenda arturiana, contudo, não é o poema galês *Gododdin*, não são as crônicas de Gildas e Nennius ou as páginas do *Annals of Wales*, embora seja possível identificar referências a Arthur e a alguns dos seus mais antigos cavaleiros nesses textos. O que se considera como sendo o *corpus* básico da Matéria de Bretanha encontra-se na *Historia Regum Britanniae*, texto em que Geoffrey of Monmouth relata a história dos reis da Bretanha utilizando-se de todas as referências de que dispunha: factuais ou lendárias.

Não é difícil compreender a importância da *Historia Regum Britanniae* para o desenvolvimento da matéria arturiana. Até o aparecimento do texto de Monmouth, muito pouco se encontrava sobre Arthur nas crônicas já existentes. No século VI, um monge chamado Gildas fala, nas páginas do seu *De Excidio et Conquestu Britanniae*³, de um líder chamado Ambrosius Aurelianus que teria sido o responsável pela organização militar da reação bretã contra os invasores saxões. Em uma outra passagem que posteriormente terá implicações para a matéria arturiana, o monge afirma que a reconquista definitiva da Bretanha teria ocorrido na batalha de Mount Badon. Além de Gildas, o venerável Bede⁴ também descreve uma série de batalhas travadas para a reconquista das terras inglesas, preocupando-se em nomear apenas a última das batalhas, a de Mount Badon. Seu texto, contudo, não especifica quem teria sido o líder dos bretões.

Finalmente, na *Historia Brittonum* é feita a primeira relação entre Arthur e as batalhas contra os invasores saxões. Na compilação que fez no século IX, Nennius afirma que um certo *dux bellorum* (comandante de guerra) de nome Arthur liderou a expulsão dos invasores⁵. Com traços daquele guerreiro sobre-humano mencionado por Aneirin, Arthur comanda os bretões na luta pela reconquista das terras inglesas.

Ao contrário de Gildas e Bede, as crônicas de Nennius não só nomeiam Arthur, como evidenciam o fato de que, àquela altura, ele já se havia tornado personagem lendária. Prova cabal dessa condição é o relato da batalha de Mont Badon, na qual, segundo Nennius, Arthur teria matado 960 inimigos em um único ataque.

Se as crônicas de Gildas e Bede não constituíam material suficiente para inspirar as narrativas sobre Arthur por não mencionarem o lendário rei, a de

³ Não se sabe ao certo quando Gildas escreveu suas crônicas, mas os estudiosos do texto imaginam que tenha sido em torno de 540. A opinião geral é de que o objetivo principal do monge, ao relatar a história das Bretanha Romana e Pós-Romana, era utilizar-se dos acontecimentos como exemplo para seus julgamentos moralizantes.

⁴ Acredita-se que o texto de Bede, *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, tenha sido escrito por volta do ano 730.

⁵ "Arthur fought against them in those days with the kings of the Britons, but he himself was leader of battles", em: *The Arthurian Encyclopedia*, verbete "Nennius", p. 405.

Nennius tampouco vai servir, porque suas referências a Arthur são esporádicas e muito pouco determinadas. Ele aparece sempre descrito como o melhor dos guerreiros (o que não é um grande avanço, se considerarmos que essa era a conclusão necessária a ser tirada dos versos de Aneirin), mas não há informação suficiente sobre sua origem, sua chegada a líder dos bretões... enfim, como seus antecessores, Nennius utiliza-se de Arthur apenas como exemplo em momentos cruciais de sua narrativa.

Por volta de 1130, quando ainda estava escrevendo a *Historia Regum Britanniae*, Geoffrey publicou um livro que seria a sua primeira contribuição para o estabelecimento do corpus básico da lenda arturiana: *Prophetiae Merlini*. Aproveitando-se de uma referência feita por Nennius a um menino de nome Ambrosius que teria feito profecias relativas ao reinado de Vortigern e utilizando-se de narrativas galesas sobre um certo profeta, Myrddin, que vivia nos bosques em meio aos animais, Monmouth criou a figura do mago Merlin. Gerado através da comunhão entre uma freira e um íncubo, Merlin vai se transformar em personagem de grande importância nas histórias do rei Arthur. Com uma origem como essa, não é difícil entender que a penetração da figura do mago Merlin no imaginário popular tenha sido imediata. Inspirando inúmeras refacções das quais é a personagem principal, Merlin acaba por adquirir destaque comparável ao do próprio rei no interior da matéria arturiana.

Sabe-se que Geoffrey of Monmouth utilizou-se da *Historia Brittonum* de Nennius como uma das fontes para a composição de suas crônicas. Foi provavelmente em uma série de relatos sobre os primeiros habitantes da ilha feita por Nennius que Monmouth buscou a inspiração para “reconstituir” a origem lendária da Bretanha que apresenta no início de seu livro. Segundo Monmouth, Brutus, neto de Enéias, teria aportado na ilha de Albion cumprindo uma profecia feita no templo de Diana⁶. Desejando perpetuar sua memória através do próprio nome, Brutus muda o nome da ilha para Britain (Bretanha) e decide que seus companheiros serão chamados de Britons (bretões). Inicia-se assim a linhagem de reis prevista pela deusa.

O relato de Geoffrey prossegue destacando os problemas enfrentados para a manutenção da terra, as inúmeras tentativas de invasão e os reis que sucederam a Brutus. É preciso dizer que a “reconstituição” da história da Bretanha feita por Monmouth não difere em muito dos textos de Gildas, Bede e

⁶ “Brutus, beyond the setting of the sun, past the realms of Gaul, there lies an island in the sea, once occupied by giants. Now it is empty and ready for your folk. Down the years this will prove and abide suited to you and your people: and for your descendants it will be a second Troy. A race of kings will be subject to them”. In: Monmouth, Geoffrey of. *The History of the Kings of Britain*. p. 65.

Nennius. Como eles, o bispo de Asaph não hesitou em lançar mão do recurso ficcional para preencher os muitos lapsos da história a ser contada. Não se pense, contudo, que essas crônicas eram apresentadas como relatos ficcionais. Monmouth, seguindo a tradição de muitos autores medievais, preocupa-se em assegurar a veracidade do seu texto, mencionando, para tanto, suas possíveis fontes. Aqueles acostumados às narrativas medievais vão certamente reconhecer como familiares as suas palavras:

...At a time when I was giving a good deal of attention to such matters [*a história dos reis da Bretanha*], Walter, Archdeacon of Oxford (...) presented me with a certain very ancient book written in the British language. This book, attractively composed to form a consecutive and orderly narrative, set out the deeds of these men, from Brutus, the first King of the Britons, down to Cadwallader, the son of Cadwallo.⁷

O religioso informa que a *Historia...* nasceu do pedido de Walter para que ele traduzisse o tal livro muito antigo para o latim. Como no início de sua dedicatória Monmouth se declara surpreso pelo fato de Gildas e Bede não mencionarem Arthur⁸, supõe-se que o registro dos feitos de Arthur durante os anos que reinou na Bretanha seja um dos objetivos de sua obra. Não se trata então, segundo Geoffrey, de uma história que ele está contando, mas sim da tradução de um livro já existente. Dá como assegurada, dessa forma, a veracidade dos fatos, mesmo que ninguém consiga identificar o livro onde esses fatos teriam sido relatados pela primeira vez, e que teria inspirado a “tradução” feita por Monmouth.

A primeira observação pertinente à história de Arthur a aparecer na *Historia Regum Britanniae* ocorre durante o relato do reinado de Constantino. Geoffrey explica que o rei teve três filhos: Constans (enviado para um monastério), Aurelius Ambrosius e Utherpendragon.

Aurelius Ambrosius, ao que tudo indica, é o mesmo referido nas crônicas de Gildas e Nennius, embora no texto de Geoffrey sua história seja relatada de forma bem mais detalhada. A inovação da *HRB* é a introdução de Utherpendragon como o terceiro filho de Constantino e irmão de Ambrosius. Como se verá mais adiante, o aspecto mais importante do destino de Uther não

⁷ Idem, *ibidem*, p. 51.

⁸ “Whenever I have chanced to think about the history of the kings of Britains (...) it has seemed a remarkable thing to me that, apart from such mention of them as Gildas and Bede had each made in a brilliant book on the subject, I have not been able to discover anything at all on the kings who lived here before the Incarnation of Christ, or indeed about Arthur and all the others who followed on after the Incarnation. Yet the deeds of these men were such that they deserve to be praised for all time”. (Idem, *ibidem*)

é o fato de ele se tornar rei da Bretanha, mas sim a concepção de Arthur, fruto de sua união com Ygerna⁹, esposa do duque da Cornualha.

Antes, porém, do reinado de Uther e do nascimento de Arthur, uma outra personagem importante para a matéria arturiana aparecerá no relato de Monmouth.

Após o assassinato de Constantino, Vortigern consegue usurpar o trono destinado a Ambrosius e Uther, valendo-se do desinteresse de Constans por questões políticas. O reinado de Vortigern é marcado por traições e desastrosas alianças políticas com pictos e saxões. Os bretões, temerosos ante a ameaça de uma dominação saxã, representada pelos aliados de Vortigern (os irmãos Hengist e Horsa), depõem Vortigern e entregam a coroa a seu filho, Vortimer. Este, ao assumir o poder, ocupa-se da recuperação dos territórios cedidos por seu pai a Hengist e Horsa. O seu reinado, contudo, chega prematuramente ao fim, quando Vortimer é envenenado por sua madrasta. Após a morte de seu filho, Vortigern volta a ocupar o trono da Bretanha e reestabelece, mais uma vez, a aliança com os saxões, liderados por Hengist.

Conta Monmouth que o intuito de Hengist era o de assassinar Vortigern e tomar posse da Bretanha. O ataque traiçoeiro do líder saxão ocorreu durante o encontro que Vortigern planejara para acertar os detalhes da aliança com Hengist. Ao se ver capturado, com 460 dos seus condes mortos, Vortigern concorda em atender a todas as exigências dos saxões, com a única condição de ser deixado vivo. Libertado após cumprir sua promessa, Vortigern retorna a Londres e consulta seus magos. Eles ordenam que ele construa uma fortaleza em forma de torre, dentro da qual poderia permanecer a salvo.

Os problemas começam quando os pedreiros erguem as fundações da torre. A cada dia que voltavam ao trabalho, eles encontravam o que haviam erguido no dia anterior destruído. Seguindo mais uma vez o conselho de seus magos, Vortigern dispõe-se a sacrificar um menino (filho de pai desconhecido) para que as pedras usadas na construção sejam fortalecidas através do sangue. A criança trazida pelos mensageiros à corte de Vortigern é Merlin. Graças a seus dotes proféticos, Merlin explica a causa da destruição da fortaleza de Vortigern e conquista a posição de conselheiro do rei.

Monmouth, nessa altura de sua narrativa, interrompe o relato do reinado de Vortigern para inserir um capítulo dedicado às profecias feitas por Merlin.

⁹ Uma explicação deve ser dada sobre o uso que fizemos dos nomes das personagens arturianas neste texto. Como são muitos os escritores a buscar inspiração na matéria arturiana para suas obras, muitas também são as formas e variantes dos nomes que cada um deles adota para os conhecidos cavaleiros e damas do reino de Logres. Optamos por conservar a forma utilizada pelo escritor cuja obra estiver sendo referida por acreditar que, ao escolher determinada forma para denominar uma personagem, esse escritor explicita parte da caracterização que dela fará.

Surpreso com a capacidade profética de Merlin, Vortigern pergunta a ele como será seu fim. Ao revelar o futuro da Bretanha através de Merlin, Monmouth começa a delinear a história de Arthur. Respondendo à pergunta de Vortigern, o mago condena suas alianças com os saxões e prevê a volta de Ambrosius e Uther à Bretanha para lutar pelo trono perdido:

Run from the fiery vengeance of the sons of Constantin. (...) Even as I speak they are leaving the coasts of Armorica and spreading their sails to cross the sea. They will make for the island of Britain, attack the Saxon people and conquer the race which they detest. (...) You made a fatal mistake when you betrayed their father and invited the Saxons to your island. (...) Two different ways of dying threaten you and it's not easy to see which of the two you will avoid. On the one hand the Saxons are ravaging your kingdom and will try to kill you. On the other hand the two brothers Aurelius and Uther are landing, and they will do their utmost to take vengeance on you for their father's death. (...) The Saxon's faces will be smeared with red blood: and when Hengist is killed Aurelius Ambrosius will be crowned King. He will restore peace to the people and build up the Church again: but he himself will die of poison. His brother Utherpendragon will succeed him, but his days too will be cut short by poison. Your own descendants will play a part in this bastardly act, but the Boar of Cornwall will eat them up.¹⁰

As profecias pouco a pouco vão se cumprindo. Ambrosius e Uther voltam à Bretanha, expulsam os saxões e reconquistam o trono de seu pai. Ambrosius morre envenenado e Uther é coroado rei. Monmouth começa, então, a contar a história do nascimento de Arthur, que na profecia aparece referido como “o javali da Cornualha” (the Boar of Cornwall)¹¹. Os episódios mais tarde imortalizados nas páginas de inúmeras reelaborações vão tomando corpo na pena ágil do monge.

Durante as celebrações da sua coroação, Uther se apaixona por Ygerna, esposa do duque da Cornualha e, segundo Geoffrey, a mulher mais bela da Bretanha. Ao perceber que o recém coroado rei estava cobrindo sua esposa de favores, o duque resolve abandonar a corte imediatamente e voltar para os seus domínios. Enfurecido com a súbita partida, Uther ordena a Gorlois que volte à corte. A recusa do duque é o pretexto ideal para o início da guerra entre ambos.

Obcecado pela idéia de conquistar Ygerna, Uther pede ajuda a um de seus soldados, Ulfius, que o aconselha a procurar Merlin. O mago concorda em ajudar Uther a realizar seus desejos. Através de drogas que só ele conhece,

¹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 186-7.

¹¹ Além de Arthur ser associado à imagem de um javali, na crônica de Monmouth, em outros textos medievais ele aparece associado a um urso. Tal fato seria explicado pela origem do seu nome em galês. Muitos estudiosos da matéria arturiana afirmam que *Artorius* deriva, provavelmente, de *artos*, palavra que, em galês, significa *urso*.

Merlin faz com que Uther assuma as feições de Gorlois e, assim, seja admitido no interior do castelo de Tintagel.

The King spent that night with Ygerná and satisfied his desire by making love with her. He had deceived her, too, by the lying things he said to her, things which he planned with great skill. He said he had come out secretly from his besieged encampment so that he might make sure that all was well with her, whom he loved so dearly, and with his castle, too. She naturally believed all that he said and refused him nothing he asked. That night she conceived Arthur, the most famous of men, who subsequently won great renown by his outstanding bravery.¹²

Após a morte de Gorlois, Uther se casa com Ygerná e eles têm, além de Arthur, uma filha, Ana; quando Uther morre envenenado, Arthur, então com 15 anos, é indicado pelos líderes do povo bretão como o sucessor natural do rei morto. Observe-se que não há, segundo Geoffrey, a menor dúvida sobre quem seria o herdeiro de Uther. A história da disputa do direito de Arthur ao trono será introduzida mais tarde no *corpus* arturiano.

Geoffrey ressalta que as qualidades de Arthur como rei manifestaram-se desde o início:

Arthur was a young man only fifteen years old; but he was of outstanding courage and generosity and his inborn goodness gave him such grace that he was loved by almost all the people.¹³

O relato do reinado de Arthur prossegue enfocando as inúmeras batalhas que travou até conseguir expulsar definitivamente os saxões da Bretanha. Um detalhe importante, que mais tarde será expandido pelos autores que vão recontar a lenda arturiana, é o fato de Monmouth especificar com que armas Arthur combatia:

Arthur himself put on a leather jerkin worthy of so great a king. On his head he placed a golden helmet, with a crest carved in the shape of a dragon; and across his shoulders a circular shield called Pridwen, on which there was painted a likeness of the Blessed Mary, Mother of God, which forced him to be thinking perpetually of her. He girded on his peerless sword, called Caliburn, which was forged in the Isle of Avalon. A spear called Ron graced his right hand.¹⁴

Começa a tomar corpo, nas páginas da *Historia Regum Britanniae* a lenda da espada Excalibur, companheira inseparável de Arthur. Segundo Monmouth, a cada vez que Arthur desembainhava sua espada, pedia a ajuda da

¹² Idem, p. 207.

¹³ Idem, p. 212.

¹⁴ Idem, p. 217.

Virgem Maria. O apoio divino parece ter sido definitivo porque conta a crônica que

Every man whom he struck, calling upon God as he did so, he killed at a single blow. He did not slacken his onslaught until he had dispatched four hundred and seventy men with his sword Caliburn.¹⁵

Provando ser verdade que quem conta um conto, aumenta um ponto, os 460 guerreiros mortos por Arthur no texto de Nennius passaram a ser 470 no de Monmouth. E assim iam ganhando características sobre-humanas as realizações do soberano de Logres.

Geoffrey conta que, após derrotar definitivamente os saxões, Arthur se casa com uma mulher chamada Guinevere. Além da rainha, as outras personagens tradicionais das histórias arturianas a serem mencionadas na *Historia Regum Britanniae* são Gawain, Mordred, Kay e Bedevere.

Guinevere, no texto de Monmouth, ainda não aparece como a rainha infiel, que trai o rei com seus melhores cavaleiros. Mordred, por outro lado, já é, desde o início da lenda, tratado como o causador da destruição dos anos de paz em que Arthur reinou na Bretanha. Geoffrey relata, nas suas crônicas, a batalha final entre Arthur e seu sobrinho, lançando a pedra fundamental que daria origem ao mito do rei que, embora ferido mortalmente em combate, voltaria um dia, curado de seus ferimentos, para mais uma vez liderar o povo bretão.

Arthur himself, our renowned king, was mortally wounded and was carried off to the Isle of Avalon, so that his wounds might be attended to. He handed the crown of Britain over to his cousin Constantine, the son of Cadur, Duke of Cornwall: this in the year of 542 after our Lord's Incarnation.¹⁶

Encerra-se, assim, o relato do reinado de Arthur, filho de Utherpendragon, feito por Geoffrey of Monmouth. Estava formado o *corpus* básico que inspiraria, por mais de 8 séculos, inúmeras refações da matéria arturiana.

Com o estabelecimento do *corpus* mínimo da matéria através das crônicas de Monmouth, iniciou-se o aproveitamento literário da lenda.

3. NAS MÃOS DE UM MESTRE, A HISTÓRIA SE DESDOBRA

Ainda no século XII, Wace escreveu, em francês, o *Roman de Brut*. Tratava-se, na verdade, de uma romancização da *Historia Regum Britanniae*.

¹⁵ Idem, p. 217.

¹⁶ Idem, p. 261.

Wace recontou a lenda arturiana, eliminando as passagens mais “violentas” e introduzindo, de forma inovadora, elementos celtas na história do rei. Foi ele o primeiro autor a mencionar, por exemplo, a Távola Redonda – famosa mesa capaz de abrigar os inúmeros cavaleiros sem que nenhum deles merecesse uma posição mais destacada.

Com o caminho aberto por Wace, dentro em pouco surgiriam as obras daquele que seria, de fato, o maior divulgador da matéria de Bretanha na literatura medieval: Chrétien de Troyes.

Com *Erec et Enid*, seu primeiro *romance*¹⁷, Chrétien apresentou às cortes da Champanha um mundo de nobres cavaleiros e donzelas, guardados pela figura imponente de um rei que se mantinha no centro dos acontecimentos. Nesse primeiro romance, Chrétien propunha uma interessante questão: como Erec conseguiria conciliar os deveres de cavaleiro¹⁸ com o amor que sentia por Enid?

Com *Le Chevalier de la Charrete*, o autor discute a questão do amor cortês. Lancelot, na sua devoção pela rainha dispõe-se até mesmo a ultrajar-se publicamente, subindo em uma carroça, para provar seu amor. A discussão do amor cortês complica-se, na medida que o objeto do amor de Lancelot é uma mulher casada, a rainha Guinevere.

Depois de discutir a questão do indivíduo e o “cumprimento” de suas funções perante a sociedade, uma vez casado, em *Erec*; e a questão do adultério e do amor cortês em *Le Chevalier de la Charrete*, o autor vale-se mais uma vez de um tema arturiano para propor uma nova questão às cortes da Champanha. Em *Perceval ou le Conte del Graal*, Chrétien interessa-se pela possibilidade de um cavaleiro conseguir, através do esforço individual, um certo aprimoramento espiritual, além de assegurar para si um lugar social definido. Como o romance ficou inacabado e, no momento em que foi interrompido, Perceval ainda não havia completado sua *queste* individual, não se sabe qual seria a posição final apresentada pelo autor.¹⁹

Embora não se analisem, aqui, os textos escritos por Chrétien de Troyes, é importante deixar bem claro que a “sobrevivência” da lenda arturiana deve muito a este autor. Com certeza seus romances referentes à matéria arturiana

¹⁷ É importante esclarecer que, aqui, a palavra *romance* não está sendo utilizada na sua acepção corrente, mas sim segundo a definição medieval, referindo-se ao relato versificado de uma determinada história, em língua vernácula.

¹⁸ Entendido, aqui, na acepção medieval do termo: alguém que provou seu valor por meio do serviço a outros, cortesia, valentia etc.

¹⁹ Uma das mais completas leituras interpretativas dos textos de Chrétien de Troyes foi feita por Erich Köhler. Recomenda-se que as pessoas interessadas em uma análise mais aprofundada e certamente mais abalizada recorram a *L'Aventure Chevaleresque – Ideal et Réalité (Études sur la forme des plus anciens poèmes d'Arthur et du Graal)*. Paris: Gallimard, 1974.

contribuíram de forma decisiva para que muitos outros textos aparecessem ainda no decorrer do século XII, e continuassem a despertar o interesse do público durante o século XIII, que viu surgir dois importantes *corpora* de refações da matéria de Bretanha: os textos da *Vulgata* e da *Post-Vulgata*.

Mas, ainda no século XII, a Europa medieval recebeu mais uma elaboração das histórias da corte do rei Arthur, dessa vez com alguns elementos novos. Robert de Boron, clérigo francês, compôs o primeiro ciclo de romances sobre o Graal, aproveitando o elemento maravilhoso que aparecera no *Perceval* de Chrétien de Troyes. Ele foi o primeiro autor a identificar o misterioso graal com o cálice utilizado por Cristo na sua última ceia. Além disso, Boron ainda explica como José de Arimatéia, de posse do Santo Graal, recolheu o sangue do Cristo crucificado. Ele é considerado como sendo o primeiro autor a aproveitar de forma inequívoca o tema do graal de forma religiosa, já que, valendo-se da história inacabada de Chrétien de Troyes, constrói uma explicação para o surgimento, a utilização e a função do graal, totalmente vinculada à história de Cristo.

4. A PROSIFICAÇÃO DA MATÉRIA ARTURIANA

O século XIII viu aparecer, em termos de literatura arturiana, dois importantes conjuntos de textos, destinados a servirem de matéria para muitas reelaborações da lenda. O primeiro deles, conhecido como ciclo da *Vulgata* ou *Lancelot-Graal*²⁰, é, com toda a certeza, uma das maiores obras a marcar a mudança de *romances* (versificados) para textos em prosa no interior da matéria de Bretanha.

Essa foi uma mudança interessante ocorrida na produção de textos no século XIII, quando a prosa tornou-se o “meio” considerado mais apropriado para a veiculação de textos em língua vernácula. Observou-se também, associada à mudança de poesia para prosa, uma acentuação do caráter histórico e religioso de tais textos. Assim, se considerarmos a matéria arturiana, veremos que os romances passarão agora a tratar de forma mais detalhada a demanda do Santo Graal, em detrimento da priorização do relato de aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda. O primeiro exemplo de tal mudança, no entanto, ocorreu em um texto ainda escrito em verso, o *Roman du Graal*, de Robert de Boron.

Conjunto extenso de textos, a *Vulgata* apresenta uma inovação muito importante para o *corpus* arturiano. O herói do Graal até este ponto havia sido

²⁰ Acreditava-se que o autor dos textos teria sido Walter Map, escriba da corte de Henrique II. Estudos provaram, no entanto, que Map morrera antes que o ciclo fosse composto. Dada essa vinculação inicial a Walter Map, a *Vulgata* também é referida como *Pseudo-Map*.

Perceval (cavaleiro utilizado por Chrétien de Troyes em seu *Le Conte du Graal*); a Vulgata nos apresenta um novo herói: Galaad.

Filho de Lancelot, considerado o melhor dos cavaleiros arturianos, Galaad foi composto de forma a representar, segundo os ideais do cristianismo coevo, o homem perfeito. Eleito pela vontade divina para completar a demanda do Santo Graal, Galaad era conhecido como o cavaleiro sem pecados, portanto o mais apto para completar as aventuras maravilhosas que antecedem a visão do objeto sagrado. Muitos estudiosos da matéria de Bretanha identificam-no com o próprio Cristo.²¹

Ainda no século XIII surgiria um novo ciclo de textos arturianos, do qual muito pouco sobreviveu até nossos dias: a *Post-Vulgata*. Composto entre 1230 e 1240, este ciclo já foi atribuído a Robert de Boron, o que explica ser referido também na literatura especializada como *Pseudo-Boron*.

Como dissemos, muito pouco dos originais da *Post-Vulgata* sobreviveu até nossos dias. A sua “reconstituição” foi feita, principalmente, através de um estudo comparativo entre os remanescentes em espanhol e português (*A Demanda do Santo Graal*), os textos da *Vulgata* e textos arturianos posteriores que apresentavam uma composição diferente daquela da *Vulgata*, permitindo que se postulasse a existência de um outro ciclo intermediário.

Certamente os textos da *Post-Vulgata* são de grande interesse para nós, uma vez que o original da Demanda portuguesa é uma das obras mais importantes para sua reconstituição. Os estudos indicam que a composição desse novo ciclo arturiano teve como objetivo organizar em um conjunto menor e mais homogêneo as aventuras e temas tratados na *Vulgata*.²²

5. ARTHUR CRUZA O CANAL E CHEGA À INGLATERRA

As primeiras utilizações literárias do material arturiano apresentado por Geoffrey of Monmouth em suas crônicas, como se viu até agora, foram feitas por autores que escreviam em francês. Não se pense, contudo, que essa era a única língua vernácula a ser utilizada em textos arturianos.

Ao longo dos séculos XII e XIII surgiriam cronistas como Robert of Gloucester que procurariam “traduzir” para o inglês as crônicas de Geoffrey of

²¹ Cf. a esse respeito, os trabalhos de Myrrha Lot-Borodine que, em artigos como “*Christ-Chevalier: Galaad*”, examinará de forma minuciosa a composição de Gallad segundo a imagem de Cristo.

²² Para uma melhor compreensão e estudo mais detalhado deste ciclo de romances arturianos recomenda-se a leitura do livro de Fanni Bogdanov: *The Romance of the Grail: A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*. Manchester: University of Manchester Press, 1966.

Monmouth, recontando a história da Bretanha a partir da chegada de Brutus e estendendo-a até o século XIII.

Em termos literários, porém, a obra de maior interesse em língua inglesa, do período, é o *Brut* de Layamon. Escrito no final do século XII, e baseado no *Roman de Brut* de Wace, observa-se que seu autor procurou enfatizar aquele mundo arturiano militarizado das crônicas de Monmouth em detrimento das cenas de corte presentes em Wace.

À obra de Layamon seguiram-se outras reelaborações em inglês do texto de Wace. O século XIV viu aparecerem dois importantes textos arturianos: *The Alliterative Morte Arthure* e *The Stanzaic Le Morte Arthur*.

Mantendo a tradição do uso de versos no relato das histórias arturianas, os autores ingleses demonstraram, desde o início, um maior interesse por explorar o aspecto mais militar da matéria de Bretanha, deixando um pouco de lado o desenvolvimento de temas relacionados ao amor cortês, muito presente nos textos franceses.

Era natural, portanto, que os textos ingleses tivessem uma relação mais próxima com o mundo arturiano apresentado pelos vários cronistas a partir de Geoffrey of Monmouth, em lugar de aproveitar os novos temas, como a demanda do Santo Graal, que apareceram nos romances franceses dos séculos XII e XIII.

Observa-se também um interesse muito grande pela figura de Gawain (enquanto os textos franceses concentram-se nas figuras de Lancelot e do herói do graal, fosse ele Perceval ou Galaad), apresentando-o como o cavaleiro por excelência. A obra mais importante a tratar de suas aventuras em língua inglesa é *Sir Gawain and the Green Knight*, um texto fortemente marcado pela utilização alegórica das estações da natureza e que já apresenta, em termos estruturais, uma maior maturidade, o que é explicado pelo fato de ter sido escrito no início do século XV.

Para o *corpus* arturiano, no entanto, a obra mais importante produzida na Inglaterra só apareceria em 1485. Foi nesse ano que Sir Thomas Malory apresentou ao público inglês o texto que, aproveitando praticamente todo o material arturiano disponível, das crônicas em latim aos romances em francês, recontaria de forma magistral a história de Arthur e seus cavaleiros: *Le Morte D'Arthur*.

Uma última observação deve ser feita neste momento em que procuramos reconstituir o desenvolvimento da literatura arturiana. É facilmente perceptível que, no mundo medieval, uma vez iniciada a utilização de línguas vernáculas nos textos literários, a discrepância entre a produção de textos arturianos em francês e em inglês tornou-se evidente. Pode-se mesmo arriscar uma afirmação

de que as romancizações e prosificações da matéria de Bretanha, na Idade Média, foram quase uma propriedade exclusiva do mundo francês.

Tal situação inverte-se, porém, se considerarmos o aproveitamento da matéria arturiana no mundo moderno. Quase todas as refações da história de Arthur e/ou de seus cavaleiros feitas na atualidade foram escritas em inglês. Certamente a obra de Thomas Malory teve muito a ver com essa inversão de papéis, na medida que oferece para os escritores interessados no tema um “resumo” muito bem feito de todas aquelas histórias que, em francês, aparecem dispersas por textos de diferentes autores e épocas.

De certa maneira Thomas Malory passou a desempenhar, para o mundo inglês moderno, o mesmo papel inspirador que Chrétien de Troyes desempenhou no mundo francês medieval.

6. (RE)CONTANDO UMA HISTÓRIA MUITO ANTIGA

Os problemas para analisar a composição de *Le Morte D'Arthur* começam com a dificuldade de se determinar quem teria sido o verdadeiro Thomas Malory. Embora muitos estudiosos da matéria de Bretanha se tenham dedicado exclusivamente a essa tarefa, os resultados de suas pesquisas não são conclusivos.

Desde 1897, quando G. L. Kittredge publicou um artigo intitulado “*Who was Sir Thomas Malory?*”, o candidato mais forte a autor de *Le Morte D'Arthur* era um certo cavaleiro de Newbold Revell²³; em *The Ill-Framed Knight*, publicado em 1966, contudo, William Mathews apresenta evidências que invalidam a identificação feita por Kittredge e propõe um novo candidato ao posto de “verdadeiro” Malory.

Dada a dificuldade de determinar com precisão detalhes da vida de Thomas Malory, a tarefa de analisar o processo de composição de *Le Morte D'Arthur* torna-se ainda mais complicada. As páginas da sua obra parecem ser a única fonte de informações sobre Malory, até o momento.²⁴

Sistematicamente, ao encerrar cada um dos oito “livros” que compõem *Le Morte D'Arthur*, Malory dirige-se ao leitor para comentar a história que acabou de narrar, informar que rumos o texto vai tomar e, algumas vezes, para tecer

²³ T. H. White utilizou essa referência na construção da personagem Tom, em uma das mais reconhecidas refações da matéria de Bretanha: *The once and future King*.

²⁴ A recuperação de tais informações só foi possível após a edição que o professor Eugène Vinaver fez do manuscrito de *Le Morte D'Arthur* encontrado em 1934 na Biblioteca do Winchester College. Caxton, o editor responsável pela primeira impressão do texto de Malory, em 1485, alterou significativamente os originais, eliminando todos os cólofos que o autor havia escrito ao fim de cada um dos “livros”.

algum comentário sobre sua vida. Esses comentários têm início no fim do “*Tale of King Arthur*”:

Here endyth this tale, as the Freynshe booke seyth, fro the maryage of kynge Uther unto kynge Arthure that regned aftir hym and ded many batayles.

And this booke endyth whereas sir Launcelot and sir Trystrams com to courte. Who that woll make ony more lette hym seke other bookis of kynge Arthure or of sir Launcelot or sir Trystrams; for this was drawyn by a knight prisoner, sir Thomas Malleorré, that God sende hym good recover. Amen.²⁵

A primeira informação que o autor de *Le Morte D'Arthur* fornece sobre si mesmo é a de que é um cavaleiro e encontra-se na prisão quando da composição da história que acaba de contar. Esse cólofon é causa de polêmica entre os críticos da obra, porque o segundo parágrafo parece indicar que Malory não tinha a intenção de prosseguir relatando a história de Arthur e seus cavaleiros, já que recomenda aos leitores interessados no assunto que procurem outros livros: “*lette hym seke other bookis of kynge Arthure or of sir Launcelot or sir Trystrams*”²⁶.

O que nos interessa agora, porém, não é discutir se Malory pretendia ou não escrever outros textos sobre o rei Arthur. Há, na passagem transcrita, uma outra informação extremamente importante para a questão da composição de sua obra. Como se pode notar, Malory afirma que o fim da sua história encontra-se em conformidade com o que disse o “*Freynshe booke*”. Cabe, então, a pergunta: que livro francês seria esse a que Malory faz referência? Uma resposta parcial para essa questão pode ser encontrada na leitura do prefácio de Caxton para a edição medieval de *Le Morte D'Arthur*:

(...) I have, after the symple connyng that God hath sente to me, under the favor and correctyon of al noble lordes and gentylnen, enpryssed to enprynte a book of the nobles hystories of the sayd Kynge Arthur and of certeyn of his knyghtes, after a cople unto me delyverd, whyche cople Syr Thomas Maleorye, dyd take oute of certeyn bookes of Frensshe and reduced it into Englysshe.²⁷

²⁵ Malory, T. *Works*. Edited by E. Vinaver, p. 110. Todas as citações de *Le Morte D'Arthur* serão feitas a partir da edição de Vinaver; indicarei, portanto, de agora em diante, apenas o nome do autor e o número da página da respectiva citação.

²⁶ Durante muitos anos, aceitou-se, no campo dos estudos arturianos, a tese exposta pelo professor Vinaver, que defendia a hipótese de que Malory teria alterado o seu projeto original de escrever apenas um “livro” sobre o rei Arthur (como parece indicar o trecho citado), e acabado por produzir as outras partes que compõem *Le Morte D'Arthur*. Há, contudo, estudos que procuram argumentar no sentido contrário, ou seja, sugerem que, apesar de Malory declarar não ter intenção de prosseguir com o relato das aventuras da Távola Redonda, seu livro deve ser visto como um projeto de narrativa épica, comparável à *Odisséia*. O principal defensor dessa hipótese é o professor Stephen Knight, no livro *Arthurian Literature and Society*.

²⁷ Malory, T. *Works*. “*Caxton's Preface*”. pp. XIV-XV.

Caxton explica, em seu prefácio, o processo de “composição” da obra. Segundo ele, Malory teria feito às vezes de um compilador da matéria. Dos textos em francês ele teria escolhido os episódios mais interessantes e traduzido tais passagens para o inglês. É preciso tomar cuidado, entretanto, ao se usar o termo “tradução” nesse contexto, porque certamente o texto de Malory não pode ser visto como uma mera *tradução* de textos franceses para o inglês, muito embora essa pareça ser a conclusão imediata a ser tirada da leitura do prefácio de Caxton.

Também não se pretende afirmar que a história escrita por Malory era original. Desde que Chrétien de Troyes, no século XII, começou a apresentar, aos membros da corte da Champanha, histórias sobre Arthur e seus cavaleiros, o que se conhece como *Matéria da Bretanha* passou a ser objeto de inúmeras refações. Os quase três séculos que separam as obras de Chrétien da obra de Malory viram florescer romances e poemas sobre os feitos dos cavaleiros da Távola Redonda. Não se esperava, portanto, que *Le Morte D'Arthur* fosse um texto *original*, porque se tratava, certamente, da refação de histórias da matéria de Bretanha.

Não se pode afirmar, por outro lado, que o texto de Malory seja fruto de uma compilação que o autor teria feito com base em outros textos arturianos existentes. Há vários aspectos em *Le Morte D'Arthur* que podem ser considerados não só originais como também inovadores em relação ao *corpus* arturiano existente até então. Tome-se como exemplo a história de Tristão e Isolda e a demanda do Santo Graal. Já quando teve início o processo de prosificação da matéria de Bretanha, no século XII, as duas histórias haviam passado a fazer parte do *corpus* da legenda arturiana. Observa-se, porém, que essa incorporação (presente tanto nos textos que compõem a *Vulgata* quanto nos da *Post-Vulgata*) teve uma função muito diferente no século XII.

Naquele momento, o processo de prosificação tinha como um de seus objetivos a “cristianização” da matéria ou, em outras palavras, havia um grande interesse em acrescentar elementos favoráveis a uma leitura cristã nas aventuras dos cavaleiros. Assim, a demanda do Santo Graal (muito mais pagã no *romance* de Chrétien de Troyes) passou a cumprir tal função no interior do *corpus* arturiano em prosa.

Esse processo de “incorporação”, entretanto, tinha algumas peculiaridades, porque mesmo fazendo parte do conjunto de textos que compunham a *Vulgata* e a *Post-Vulgata*, a história da demanda do Santo Graal acabava constituindo um texto específico (assim como a história de Merlin, o relato da vinda do Graal do Oriente para a Bretanha etc.).

No caso de Malory, o que ocorre é bem diferente. Ele introduz elementos, em momentos diferentes de seu texto, que remetem aos relatos da demanda e da história de Tristão, fazendo com que esses relatos tenham lugar preciso na estrutura de *Le Morte D'Arthur*.

É bem verdade que tais remissões são mais freqüentes no caso da demanda, mas isso parece ser explicado pelo fato de essa ser uma história que envolve todos os cavaleiros da Távola Redonda, o que não ocorre com a história de Tristão e Isolda. Ainda assim, Malory consegue introduzir um importante episódio relativo às aventuras de Lancelot – a história de seu relacionamento com Elaine – na parte dedicada ao relato da história dos desventurados amantes.

Esses procedimentos adotados por Malory parecem apontar para uma preocupação com a explicitação da unidade do conjunto, tema bastante polêmico em se tratando de textos arturianos...

Além disso, tais procedimentos permitem que sejam tiradas duas importantes conclusões acerca de *Le Morte D'Arthur*: em primeiro lugar, como já dissemos anteriormente, a conclusão de que o texto não foi constituído por uma mera compilação ou tradução de textos pré-existentes; em segundo lugar, a de que Thomas Malory era, antes de qualquer outra coisa, um ávido **leitor** de histórias do rei Arthur e de seus cavaleiros.

É de se imaginar que um autor que se dispõe a *recontar* uma história tenha de ser necessariamente um leitor dessa mesma história. No caso de Malory, contudo, essa conclusão parece assumir um significado especial.

Como procuramos deixar claro nas seções anteriores, a evolução da matéria arturiana deve muito aos cronistas medievais. Mesmo tendo sido o primeiro a escrever um *romance* sobre a corte do rei Arthur, Chrétien de Troyes não pode ser considerado o “criador” do material narrado; sabe-se que ele se utilizou do material existente nas crônicas e também da literatura oral como fonte para suas obras. Em um certo sentido, então, poder-se-ia considerá-lo o primeiro dos *leitores*²⁸ da matéria arturiana.

Para fazermos justiça à imagem do Chrétien “leitor” precisamos acrescentar, porém, que os manuscritos por ele lidos deviam estar em terríveis condições, incompletos, destruídos pelo tempo; com muita inspiração, o autor de *Erec et Enid* foi “preenchendo” as incontáveis lacunas da história durante a composição de seus romances.

²⁸ O termo *leitor* está sendo usado, aqui, em um sentido muito mais amplo do que o de alguém capaz de decodificar símbolos gráficos e, através desse processo, ler textos *escritos*. Grande parte da matéria arturiana existente no século XII, e com a qual Chrétien de Troyes entrou em contato, constituía-se de narrativas orais. Ele foi um *leitor* dessa matéria na medida em que interpretou os “textos” arturianos disponíveis e produziu outros tantos de sua autoria.

Mesmo que seja possível com um pouco de imaginação dizer que Chrétien de Troyes foi um “leitor” da matéria arturiana que o precedeu, não se pode insinuar que haja alguma semelhança entre a leitura que ele e Malory fizeram das histórias de Arthur. No início de *Erec et Enid*, Chrétien deixa claro quais são seus propósitos ao escrever aquele romance:

Li vilains dit na son respit
Que ter chose a l’na an despit,
Qui mot vaut miauz que l’an ne cuide.
Por ce fet bien qui son estuide
Atorne a bein, quel que il l’et;
Car qui son estuide antrelet,
Tost i puet tel chose teisir,
Qui mout vandroit puis a pleisir.
Por ce dit **CHESTIENS DE TROIES**
Que raisons est que totes voies
Doit chascuns panser et antandre
A bien dire et a bien aprandre,
Et tret d’un conte d’avanture
Une mout bele conjointure,
Par qu’an puet prover et savoir
Que cil ne fet mie savoir,
Qui sa science n’abandone
Tant con Deus la grace l’an done.²⁹

Devotar seus esforços para ensinar o que é certo, é essa a atitude advogada por Chrétien. Como faz questão de explicitar ao iniciar seu romance, o objetivo da obra é o de servir como **exemplo**. Ele declara que está relatando a história de Erec e Enid para que ela sirva como inspiração para seus leitores/ouvintes.

Erich Köehler, medievalista conhecido por seus artigos sobre a gênese da literatura trovadoresca na Provença, analisa a importância sociológica dos romances de Chrétien de Troyes no livro *L’Aventure Chevaleresque*. Segundo Köehler, as personagens da Távola Redonda passam a desempenhar a função literária de representantes de uma determinada situação social:

L’idée fondamentale du roman courtois, selon laquelle une aventure déterminée réservée à un chevalier détermine l’investit d’une mission bien précise qui l’intègre dans une organisation humaine idéale, implique logiquement et objectivement la séparation de l’individu et de la communauté et, dans ce cas précis, le Chevalier errant livre à lui-même devient finalement étranger à ça communauté féodale dont l’intégrité est pour lui en même temps la garantie de l’“ordre universel”.³⁰

²⁹ Foerster, W. (ed.). *Erec Und Enide Von Christian Von Troyes*. Herausgegeben Von... Editions Rodopi, Amsterdam, 1965 (repr. Halle, Max Niemeyer, 1890). Grifo nosso.

³⁰ Cf. Köehler, op. cit., p. 94.

Malory, por sua parte, não pretende recontar a história do rei Arthur para que ela sirva como modelo de conduta para seus leitores, nem tampouco retrata cavaleiros que completam aventuras como forma de assegurar uma identidade social. A leitura de *Le Morte D'Arthur* em comparação, digamos, às crônicas de Monmouth, vai apresentar alguns pontos de contato bastante interessantes, o que, de certa forma, não é verdade para os textos de Chrétien de Troyes.

Quando tratamos da obra de Monmouth, dissemos que um dos aspectos interessantes da *Historia Regum Britanniae* era o fato de ficção e realidade serem mescladas indiscriminadamente por seu autor. Dessa forma, a “reconstituição” da fundação da Bretanha por Brutus, ou o relato do reinado de Arthur, têm o mesmo status, no interior do texto, que acontecimentos historicamente comprovados.

É nesse sentido que se pode traçar um paralelo entre *Le Morte D'Arthur* e a *Historia Regum Britanniae*: Malory lida com a matéria mítica em sua obra da mesma forma que Monmouth. Ele *acredita* na existência do rei Arthur e de seus cavaleiros. Se refletirmos bem, veremos não ser esse o caso dos romances de Chrétien de Troyes, onde o rei e seus cavaleiros são tratados como personagens exemplares cujas aventuras são relatadas para que possam servir de modelo para os leitores/ouvintes.

Quando Nelly Aurner, em sua análise de *Le Morte D'Arthur*, encontra uma identificação entre os três monarcas ingleses que Malory viu governar a Inglaterra e a personagem Arthur, ela nos fornece indícios claros do uso que Malory fez da matéria de Bretanha.

Ao escrever sobre a Bretanha arturiana, Malory demonstra um grande saudosismo. O tom muitas vezes sombrio de *Le Morte D'Arthur* deve-se ao fato de seu autor, ao contrário de muitos outros que o antecederam na tarefa de contar essa mesma história, encarar o reino de Logres, seu monarca, os nobres cavaleiros da Távola Redonda, como personagens cuja existência não se pode duvidar. Ao relatar o início da guerra entre Arthur e Mordred, Malory resume com tristeza os dias de glória em que Arthur reinou e lamenta que todos os valores por ele representados não possam ser encontrados em seus contemporâneos, dando um testemunho eloqüente do seus propósitos ao compor *Le Morte D'Arthur*:

Lo ye all Englysshemen, se ye nat what a myschyff here was?³¹ For he that was the moste kyng and nobelyst knight of the worlde, ande moste loved the felyshyp of noble knyghtes, and by hym they all were upholdyn, and yet might nat thes

³¹ Malory está se referindo à carta que Mordred escreveu aos nobres ingleses, expondo os “defeitos” de Arthur como rei, para tentar conquistar apoio deles na guerra que se avizinhava.

Englyshemen holde them contete with hym. Lo thus was the olde custom and usayges of thys londe, and men say that we of thys londe have nat yet loste that custom. Alas! This is a greate defaughte of us Englysheemen, for there may no thyngge us please no terme.³²

Para concluir, gostaríamos de lembrar as palavras de um dos mais respeitados arturianistas da atualidade, Derek Brewer que, a respeito do processo pelo qual passam os escritores que resolvem compor seus textos a partir de uma matéria pré-existente, observou:

The consequences of knowing a story in various forms is that the body of material exists in what we may call a pre-verbal form, independent of any particular verbal realization. A given story-teller, whether purely oral or using writing, may indeed translate or copy a particular text, but that particular text will not be the only source of his sense of the story. One result of this is that a big traditional story like the Arthurian story, though vague and general with many particular variations, acquires in the mind of all writers a sort of historical status. It is as if it were a set of "facts" coming from the past.³³

A importância da obra escrita por Malory para a sobrevivência e desdobramento da lenda arturiana é inquestionável. Embora não se tenha ainda conseguido determinar com precisão quais foram as suas fontes e como ele teve acesso a elas, o fato é que *Le Morte D'Arthur* impressiona pela abrangência, por um lado, e pela concisão, por outro. Uma seleção primorosa daqueles relatos realmente essenciais para a lenda arturiana no interior das muitas reelaborações existentes na época fez com que o livro de Malory passasse a funcionar como uma referência para todos os autores de língua inglesa que se interessaram em recontar a história de Arthur e seus cavaleiros.

Ao concluirmos esse levantamento dos principais textos constitutivos do *corpus* medieval da lenda arturiana, podemos arriscar uma hipótese para a sobrevivência da matéria até hoje. Talvez somente o universo e as personagens contidos na matéria de Bretanha sejam maleáveis o bastante para permitir abordagens tão diferentes e que continuem mantendo vários pontos em comum; justamente aqueles pontos que permitem, a despeito das diversas alterações, caracterizar as obras resultantes como legítimas refações da matéria arturiana.

E as refações/reelaborações/reinterpretações continuam a se multiplicar, seja na forma de leitura feminista, como em *The Mists of Avalon*, de Marion Z. Bradley; sejam nas músicas do "mago" dos teclados, Rick Wakeman, em *The Myths and Legends of King Arthur and The Knights of The roud Table*; ou até

³² Malory, p. 708.

³³ Brewer, Derek. Malory: the traditional writer and the archaic mind. In: Barber, R. (ed.) *Arthurian Literature I*. p. 95.

mesmo nos quadrinhos futuristas de *Camelot 3000*, de Mike Barr e Brian Bolland.

O importante é que, em livros, filmes, discos, histórias em quadrinhos, Arthur continua caminhando entre os homens, e sua história é permanentemente (re)contada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASH, Geoffrey & NORRIS, J. Lacy. (1988). *The Arthurian Handbook*. New York, Garlando Publishing Inc.
- AURNER, Nelly S. (1933). Sir Thomas Malory – Historian?. *Publications of The Modern Language Association*, XLVIII.
- BEZZOLA, Reto. (1984). *Les origines et la formation de la littérature courtoise en occident (500 – 1200)*. Paris, Champion.
- BOGDANOV, Fanni. (1966). *The Romance of the Grail: A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*. Manchester, University of Manchester Press.
- BRUCE, James D. (1958). *Evolution of Arthurian Romance from the beginnings down to the year 1300*. Gloucester, Peter Smith, 1ª ed. 1928, 2 v.
- CHAMBERS, Erik K. (1964). *Arthur of Britain*. Cambridge, Barnes & Noble.
- FOERSTER, W. (ed.). (1965). *Erec Und Enide Von Christian Von Troyes*. Herausgegeben Von... Editions Rodopi, Amsterdam, 1965 (repr. Halle, Max Niemeyer, 1890).
- KIGHT, Stephen. (1983). *Arthurian Literature and Society*. London/Basingstore, The MacMillan Press.
- KÖEHLER, E. (1974). *L'Aventure Chevaleresque – Ideal et Réalité (Études sur la forme des plus anciens poèmes d'Arthur et du Graal)*. Paris, Galimard.
- LACY, Norris (org.).(1986). *The Arthurian Encyclopedia*. New York, Peter Bedrick Books.
- LANGORIO, Valerie M. & DAY, Mildred L. (1990). *King Arthur through the Ages*. New York, Garland Publishing,. 2 v.
- LOOMIS, Roger S. (1962). *Celtic Myth and Arthurian Romances*. New York, Columbia University Press.
- _____. (1963). *The Development of Arthurian Romances*. London, Hutchinson & Co.
- MALORY, Thomas. (1978). *Works*. Oxford, Oxford University Press. Edição preparada por Eugène Vinaver.

- MARKALE, Jean. (1985). *Le Roi Arthur et la Société Celtique*. Paris, Payot.
- MATTHEWS, William. (1966). *The Ill-Framed Knight: a skeptical inquiry into the identity of Sir Thomas Malory*. Berkeley, University of California Press.
- MONMOUTH, Geoffrey of. (1966). *The History of the Kings of Britain*. London, Penguin Books.
- MORRIS, Rosemary. (1982). *The Character of King Arthur in Medieval Literature*. Cambridge, D. S. Brewer/Rowman & Littlefield.
- PARINS, Merylyn J. (1988). *Malory - the Critical Heritage*. New York, Routledge.
- SEINBECK, John. (1989). *The Acts of King Arthur and his Noble Knights*. New York, Ballantine Books.
- TROYES, Chrétien de. *Romans*. Paris, H. Champion, 1957-63. 4 v.